

PREVISÕES METEOROLÓGICAS E COMPOSIÇÃO MUSICAL: ARTEFATOS DA CULTURA ESCRITA DE UM AGRICULTOR GAÚCHO

Leonardo Capra

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal
de Pelotas (PPGE/UFPel)
leonardocapra1@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e insere-se na linha de pesquisa: Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem. Tem como objetivo apresentar os manuscritos produzidos pelo agricultor gaúcho David Vinoski, meu avô materno, residente e domiciliado no município de Vista Alegre do Prata/RS. Foram identificados nos manuscritos, por meio de análise documental: previsões meteorológicas e canções compostas, que ajudam a compreender os modos como o agricultor participa, produz e partilha a Cultura Escrita. Também faço o uso de entrevistas e de referenciais teóricos concernente aos estudos sobre a Cultura Escrita, apoiados em Galvão (2010), Vinão Frago (1999) e Castillo Gómez (2003).

Palavras-chave: Cultura Escrita, previsões meteorológicas, manuscritos, História da Educação.

Considerações iniciais

Neste artigo apresento o projeto que desenvolvo no Mestrado em Educação, na Linha de Pesquisa: Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem da Universidade Federal de Pelotas, intitulado: “Previsões Meteorológicas e composição musical: artefatos da cultura escrita de um agricultor gaúcho”¹. As previsões meteorológicas e as canções musicais são compostas de forma manuscrita por Seu David Vinoski, meu avô materno². Agricultor de 69 anos, residente e domiciliado na comunidade rural de Nossa Senhora da Pompéia, no pequeno município de Vista Alegre do Prata³, localizado na Serra Gaúcha, cerca de 77 quilômetros de distância de Bento Gonçalves, cidade referência para os pequenos municípios do entorno, principalmente no que tange ao atendimento da saúde e também como polo comercial.

¹ Pesquisa orientada pela Profa. Dra. Vania Grim Thies.

² As normativas da Resolução 510/2016 do Comitê de Ética em Pesquisa ajudaram-me a delinear quais compromissos éticos foram necessários para a execução do projeto de pesquisa, que envolve seres humanos, bem como adequações e resoluções que garantiram validade ao meu estudo e o cumprimento ético durante a entrevista com Seu David, meu avô materno.

³ Vista Alegre do Prata situa-se a 215,2 quilômetros de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande Sul. As principais vias de acesso da cidade do interior para a capital são as rodovias BR-470 e a RS-431.

Para a composição do estudo escolhi alguns pontos chaves: relatar a curta passagem do agricultor pela escola rural⁴ e os elementos desta cultura escolar, suas motivações para dar início ao processo de escrita, descrição dos materiais produzidos, utilizando-me dos métodos de análise documental e entrevista, instrumento bastante utilizado pela metodologia da história oral. Justifica-se o estudo para compreensão dos modos de produção e partilha dos manuscritos meteorológicos e das canções compostas, bem como as motivações em produzir por 56 anos os documentos e o ato de salvaguarda de parte deles em seu arquivo pessoal, analisando a prática como uma prática da cultura escrita e consequentemente a História da Educação.

Entre os pesquisadores do campo da História da Educação, há um interesse crescente pela produção, participação e circulação de artefatos da escrita e sua utilização seja no ambiente escolar ou, como neste caso, fora dele. Assim, análise dos registros da escrita de meu avô contribui de forma significativa para estudos e pesquisas na divulgação da cultura escrita pelo mundo acadêmico visibilizando as produções de um sujeito do campo, agricultor e produtor de registros.

O referencial teórico está ancorado no conceito de cultura escrita que, segundo Galvão (2010), é o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade. Ana Maria de Oliveira Galvão importante pesquisadora do campo da cultura escrita, descreve-a como um lugar simbólico e material, sempre problematizando a cultura como algo efêmero e passível de mudanças. Destaco essa concepção multifacetada e transitória da cultura para demarcar o fluxo contínuo dos escritos, pois, o indivíduo investigado ouve, enxerga, lê, reza, acredita, ressignifica, experiencia e escreve. Ao escrever, postula mais uma renovação da cultura, assim o fluxo continua e a cultura se renova.

Os estudos acerca das pesquisas sobre práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita fazem parte de um dos eixos de investigação desenvolvido no âmbito do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales)⁵ da Universidade Federal de Pelotas, especialmente com a discussão

⁴ A escola João Batista Simonato foi construída em 1960, passou a ser utilizada em 1962 e foi inaugurada em 1968. Localizada na comunidade rural Nossa Senhora da Saúde no município de Vista Alegre do Prata, encerrou suas atividades em 1998, no momento em que a cidade centralizou o ensino na escola Giuseppe Tonus, fechando assim as escolas rurais do município completamente no ano de 2000.

⁵ O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um

e produção do acervo das escritas pessoais e familiares.

O que é a cultura escrita?

A cultura escrita configura-se como uma categoria de análise histórica, fruto de um projeto interdisciplinar que tem como objetivo desenhar a História Cultural, atribuindo e pensando os significados e usos das sociedades ao longo na história. Possui um caráter essencialmente social, é múltipla e possibilita que o pesquisador interprete, discuta e problematize o que ali estiver escrito, elementos gráficos e significações que dela emergem, através da historiografia.

Quando falamos em cultura escrita não reduzimos sua dimensão apenas às habilidades de escrever, mas aos eventos e práticas que tenham a mediação da palavra escrita. As produções simbólicas e materiais são considerados cultura escrita.

Para adentrarmos no estudo sobre a cultura escrita, que é complexo e multifacetado, há vias de entrada (GALVÃO, 2010), ou seja, dimensões que nos ajudam a olhar determinado aspecto sobre o lugar ocupado pelo escrito no tempo e no espaço. No meu caso, investigo os objetos que dão suporte a cultura escrita. Alguns objetos que podem ser mencionados e recorrentemente são utilizados em análises deste tipo são:

A história da cultura escrita é também a história do livro, dos manuais didáticos, das cartilhas, das revistas, dos jornais, dos panfletos, dos folhetins, das folhas volantes, dos bilhetes, das cadernetas, dos telegramas, dos catecismos, dos cartazes, dos documentos civis, dos recibos, dos almanaque, dos cordéis, dos calendários, das histórias em quadrinhos, dos documentos geridos na burocracia estatal, dos diários, das correspondências, dos túmulos, das teses, dos tratados acadêmicos (GALVÃO, 2014, p. 222).

Outras dimensões para apreender sobre cultura escrita são: a) das instâncias/instituições (escola, família, igreja, trabalhos, estado, feiras), b) dos suportes de difusão e ensino (impressos, manuscritos, oralidade, tecnologias digitais) c) dos sujeitos, suas vivências, cotidianos e trajetórias individuais e familiares, d) dos modos de transmissão. Portanto, são cinco possíveis vias de entradas para analisarmos as culturas do escrito, importante salientar que uma não elimina a outra e que muitas vezes elas se intercruzam na investigação. As vias de entrada são como lentes óticas que nos ajudam

arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O Hisales é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. O Hisales está localizado no Campus II – UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H, CEP 96.010-280 - Pelotas/RS. Mais informações sobre o Hisales, acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão, podem ser conferidas via internet, no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas rede sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com).

enxergar, elas também são intencionais, por isso adoto como premissa deste trabalho, o estudo dos objetos que dão suporte a cultura escrita de Seu David, ou seja, os manuscritos produzidos por ele.

O verbete sobre cultura escrita do Glossário Ceale (2014) explicita sobre a importância de o professor valorizar os muitos modos de participação nas culturas do escrito que ocupam uma mesma sala de aula, o trecho também nos ajuda a pensar sobre o processo de escolarização de Seu David que estudou por cinco anos em uma escola rural em Vista Alegre do Prata:

É importante que o professor considere, principalmente quando trabalha com crianças de meios populares e/ou de meios rurais, que existem muitos modos de se relacionar com as culturas do escrito nas sociedades contemporâneas e que a escola tende a privilegiar apenas um deles. É fundamental que ele conheça os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa na vida dos seus alunos, de suas famílias e de suas comunidades. Esse conhecimento e a consequente valorização desses outros modos de se relacionar com o escrito podem se concretizar de várias formas, por exemplo, quando professores convidam pessoas mais velhas para narrar histórias ou recitar poesias que sabem de cor (GALVÃO, 2014, s.p.).

Outro autor importante para colaborar com a discussão aqui levantada sobre cultura escrita é Antonio Viñao Frago (1999), no texto “Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones⁶” elabora que os objetivos básicos da cultura escrita seriam as análises das funções dos atos de leitura e escrita.

No mesmo capítulo o autor enaltece tipologias de escritas observando contextos, usos e funções. São treze categorias, cabe aqui o destaque para as escritas ordinárias.

Segundo Viñao Frago as escritas ordinárias (1999) são um dos modos de escrita que os historiadores deixaram de lado, ao longo dos anos. As escritas ordinárias podem ser caracterizadas por produções de momentos intensos coletivos ou pessoais, ocupações cotidianas e também demonstrações de competência escrita. A natureza destes trabalhos é banal, diversa e tem a finalidade de registrar/deixar uma marca, sendo um objeto evanescente sem contornos definidos. Produtos de práticas de escrita difusas e variadas irredutíveis a um conjunto de indicadores tradicionais de escritas acadêmicas e formais. As escritas ordinárias estão fora de pesquisas sobre práticas culturais. A abordagem é centrada em espaços restritos e detentora de práticas bem definidas. Tais atos de escrita geram por si próprias relações de determinado tempo e espaço.

⁶ “Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones” é um dos treze capítulos do livro “Leer y escribir- Historia de dos prácticas culturales” publicado no ano de 1999 pela editora Educación, voces y vuelos.

Una caracterización tan amplia le lleva a incluir en dicho término los escritos rituales y la escritura escolar y académica, junto a, por ejemplo, las listas, los libros de cuenta y razón, los de índole personal con anotaciones y copias, la correspondencia epistolar y los diarios. Dicha amplitud serfa, en todo caso, un resultado históricamente cambiante. Así, si la escritura escolar puede ser calificada de ordinaria en las sociedades de escolarización generalizada, tal calificación tendría que ser corregida en las de escolarización restringida (VINÃO FRAGO, 1999, p. 294).

Meu avô produz canções e previsões meteorológicas que aqui caracterizo como escritas ordinárias depois do conceito exposto acima, do autor Vinão Frago (1999). São escritas pessoais, cotidianas e constantes sem um compromisso literário ou acadêmico e, ainda, pouco pesquisados pela História da Educação e da cultura escrita.

Os lugares ocupados pelo escrito transformam-se permanentemente: a cada indivíduo, a cada livro, a cada escrito, a cada papel rasgado, a cada tela digitada, a cada poesia recitada, ou seja, há uma variedade de produções escritas realizadas nas mais diferentes regiões e por indivíduos que não são visibilizados. São as pessoas comuns nomeadas por Castillo Gómez (2003) como:

Gente común, como también tiene a decirse para incluir a los individuos de la clase media, poco o escasamente alfabetizados. En consecuencia se trata de personas que no son profesionales del escribir en ninguna de las posibilidades que ello pueda adoptar: la oficial-administrativa, la científico-académica o la propiamente literaria, sino de gente que se aproximan al mundo de lo escrito por otras razones estrictamente personales (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 228).

Utilizo-me então da expressão gente comum para definir o sujeito aqui investigado, Seu David, versátil produtor de escritas fora do ambiente escolar, motivado por razões estritamente pessoais. Lembrando que diferentes significados e usos são imperados ao processo de produção escrita ao longo do tempo, pelas sociedades.

As culturas do escrito têm grande riqueza, permeando documentos, diários, anotações, registros escritos, canções, cartas, poesias e escritas de pessoas comuns são conceituadas de escritas ordinárias, utilizadas para criar um estilo de escrita próprio. Thies (2008, p. 43) diz que “as escritas ordinárias são assim caracterizadas: servem para contar o dia de um modo muito particular, criando o seu próprio estilo de escrita, e é por isso que essas escritas aparecem em diferentes suportes (diários, livros de memórias, etc.)”.

O campo teórico e os autores que utilizei para o embasamento neste artigo centram-se nos seguintes pesquisadores: Castillo Gómez (2013), Chartier (2007), Viñao Frago (1999), Jinzenji (2017), Galvão (2010), Souza (2009), Thies (2008). Passarei, a

seguir, a apresentar a escolarização e o início da produção dos registros escritos do agricultor pesquisado.

Escolarização e início da produção de Seu David

Antes de iniciar uma descrição mais elaborada sobre os materiais produzidos e que dão suporte, a prática escrita de meu avô materno, gostaria de apresentar um **contexto** da escola: o final da década de 1950 e primeiros anos de 1960. Acredito que este panorama auxilie na compreensão da organização da instituição rural onde o agricultor foi alfabetizado e também dê elementos para a discussão da História da Educação e da cultura escrita.

No início do século XX, especialmente nas primeiras décadas, o sistema educacional ainda era bastante precário, tanto no que tange a resultados (notas) e também quanto a organização de locais e profissionais adequados. O Brasil (República) passava ter a educação controlada pelo Estado e assim ganhava aos poucos, espaços mais adequados, materiais para o ensino e também profissionais capacitados para o exercício da docência. Sinaliza-se aqui a passagem da igreja para a escola, como o ambiente (instituição) mais importante na formação de crianças e jovens.

O sujeito desta pesquisa acessa a escola no ano de 1959. Ana Maria de Oliveira Galvão e Eliane Marta Teixeira Lopes (2010) denunciam que, muitas pessoas das camadas sociais mais baixas acessavam e desistiam do processo escolar, ou melhor, não conseguiam permanecer nele. A trajetória de David corrobora com a afirmativa e precisa abandonar a escola no ano de 1964, com treze anos, quando seu trabalho braçal é indispensável para a manutenção do trabalho na família do campo. David abandona então o processo escolar na instituição, mas não rejeita a educação, passa a produzir leituras e escritas que vigoram e são contínuas.

A escola que o agricultor estudava situava-se na comunidade rural Nossa Senhora da Saúde, linha Senador Otaviano, pertencia ao terceiro distrito do município de Nova Prata, atualmente cidade de Vista Alegre do Prata. O prédio escolar era de madeira no primeiro ano escolar de Seu David, inicia-se a construção de um prédio novo em 1960, enquanto isso os alunos da instituição tiveram suas aulas remanejadas para a Igreja local e no de 1962 passam então a estudar na nova escola.

Em entrevista David afirmou a respeito sobre os prédios escolares, doação de terreno e também nome da escola e motivações para tal:

era de madeira, mas depois mais adiante fizeram de alvenaria né, de tijolo. Mas na época que eu ia na aula era de madeira e ali onde que tá. Meu falecido pai né, doou terreno lá pra essa escola, e se chamava, o nome da escola era Primeiro de Maio depois passou pra ser João Batista Simonato (Jóao Batista Simonato é porque esse homem ele era um cara importante na cidade). Ele tinha a olaria e morava fora da cidade daí faziam telhas, tijolos, essas coisas e ele também ajudou bastante com madeira e daí colocaram o nome dele, como homenagem na escola (Entrevista, David Vinoski, 28/05/2021).⁷

Na figura 1 é possível verificar o prédio escolar nomeado por David Vinoski, na entrevista realizada em 28 de maio de 2021.

Figura 1 - Escola frequentada por David, estado atual (2021).



Fonte: Acervo pessoal.

Os numerosos registros escritos de Seu David passam a ser produzidos após sua saída da escola, as previsões do clima são as escritas iniciais para manutenção do saber oral do avô do agricultor, para informação da comunidade rural que tem seu ofício condicionado pelos fatores climáticos e também para não esquecer dos saberes escolares. Esses aspectos foram percebidos durante a realização da entrevista.

David é casado com Dona Terezinha com quem teve três filhos (duas mulheres e um homem), possuem 5 netos. Trabalharam e sobreviveram quase que exclusivamente da agricultura ao longo de suas vidas. A produção do leite, engorda dos bois, plantio e a colheita do milho e da soja foram os difusores de renda do casal, que por muitos anos atuaram como agregados das terras onde trabalhavam. Com muito esforço, suor e garra conseguiram adquirir a propriedade, edificando assim um dos maiores sonhos do casal e escrevendo um novo capítulo de suas trajetórias.

⁷ Informação fornecida por David Vinoski em entrevista proferida na casa do agricultor, em Vista Alegre do Prata/RS, em 28 de maio de 2021.

Na escola, sempre gostou da matemática, especialmente dos cálculos, recorrentemente lembrados pela sua usualidade prática nas tarefas do campo ou da Igreja. Destaco a Igreja Católica pela ligação forte com a religiosidade do agricultor, executando por mais de vinte anos o cargo de ministro da paróquia, podendo esse aspecto ter influenciando bastante suas ideias e escritos.

Motivado pelo avô, que não dominava a escrita, mas sabia observar a lua e inferir previsões meteorológicas, Seu David passa a usar sua escrita, aprendida no processo de escolarização, para dar vida as ideias do seu avô, ou seja, no papel as previsões meteorológicas ganham forma. Os anos passam rapidamente e com os filhos finalizando o ensino fundamental David aproveita do conhecimento científico sobre as nuvens aprendido pelos filhos para aprimorar sua verificação e produção escrita.

Ao ultrapassar os 60 anos Seu David inicia uma intensa composição de canções que retratam momentos de sua trajetória e de sua família. As escritas intensificam-se em 2017 quando tem um problema de saúde e permanece internado em um hospital da região por alguns dias. Aproveita o momento de isolamento dos familiares e tarefas para escrever diversas novas canções com temáticas variadas, a grande maioria que contam sua trajetória real ou imaginária.

Processos metodológicos da pesquisa

De cunho qualitativo, a metodologia adotada trabalha com documentos pessoais e de entrevistas semiestruturadas. Integrada por três ações: **estudo** – criação das condições de pesquisa –, **experimento** ou realização dos procedimentos de investigação e **reflexão**, que é composta por análise e avaliação dos registros escritos.

Para Silva & Silva (2013), “é crescente a tendência de se interpretar a realidade como uma rede de significações, o que tem conduzido a abordagem qualitativa a trilhar novos caminhos epistemológicos e metodológicos”. Para as autoras, considerar fenômenos a partir da complexidade na interação de pessoa implica em compreender, como essencial ao pesquisador, o processo de significação entre indivíduos e coisas (instituições, objetos, ideias, situações vivenciadas).

Passo a descrever os objetos escritos produzidos pelo agricultor. Desde muito pequeno lembro de meu avô observar o céu, as nuvens, a lua e os fenômenos climáticos. Ele observa e anota, para em seguida, escrever as previsões meteorológicas. Com minha entrada no mestrado em Educação em agosto de 2020, passei a observar com mais

atenção os materiais, descobri que a quantidade de manuscritos era bem maior do que imaginava. Por isso, estruturei ações que dessem conta de captar os materiais produzidos por ele e analisá-los, focados na análise documental e no processo de entrevista, que me ajudaram a pensar, analisar e categorizar os materiais de meu avô.

David tem vasta quantidade de materiais manuscritos e impressos. Entre os impressos estão: as coleções de folhetos do Culto Dominical (que datam dos anos de 2000 até o ano atual), jornais com fatos importantes acontecidos no município onde reside, panfletos de santos, imagens de papas e outras figuras religiosas importantes. As produções manuscritas concernentes a investigação aqui procedida, fazem parte do arquivo pessoal de meu avô e foram localizados em sua casa com: quarenta e cinco canções escritas a próprio punho (que descrevem sentimentos e situações vividas por ele, sua esposa e o município onde residem), e previsões meteorológicas com periodicidade espaçada, com materiais que apontam pelo menos 30 anos de produção do agricultor.

Segundo o autor Bacellar (2010, p. 24) “trabalhar com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis”, e, assim, os documentos manuscritos estudados ajudam-me a nortear as buscas das motivações implícitas desta prática e resultados possíveis da busca científica.

As previsões meteorológicas são conservadas de maneira manuscrita, entretanto, são digitadas na prefeitura local, distribuídas em estabelecimentos como: bares, mercados, casas de família e radiadas em emissora de rádio⁸ do município vizinho Guaporé/RS, que fica a 18 quilômetros de Vista Alegre do Prata/RS, praticamente em todos os dias do ano.

Meu avô afirma ter iniciado observar as nuvens prevendo fenômenos climáticos desde os 12 anos, por influência e ensinamento do avô dele. Em entrevista realizada contou que o seu avô não dominava nem leitura, nem a escrita, por isso a comunicação/partilha das previsões aconteciam de forma oralizada e contava com recursos de memória. Ao frequentar a escola e alfabetizar-se, David, o agricultor estudado passou a registrar de forma escrita os ensinamentos de seu avô e suas aferições do clima. O avô de David faleceu logo em seguida, e ele comprometeu-se então em manter viva a tradição cultural escrita herdada do mentor.

⁸ Rádio Aurora, bastante conhecida e ouvida em municípios como Vista Alegre do Prata, Guaporé, União da Serra, Nova Prata, Nova Bassano, Fagundes Varela, Serafina Corrêa e Anta Gorda. O site da rádio pode ser conferido em: <https://www.tuaradio.com.br/Aurora/>.

Na coleta dos primeiros dados da pesquisa realizada em meados de maio do ano de 2021, pude ler, manipular e digitalizar os objetos conservados. Na Tabela 1, a seguir, apresento as previsões guardadas pelo indivíduo. O agricultor prefere dividir as previsões de forma semestral, ou seja, dois impressos por ano, um com as aferições dos meses de janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho, e no seguinte, com as previsões de julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

Tabela 1 - Estado de produção das previsões meteorológicas por períodos.

Ano da previsão	Primeiro semestre	Segundo semestre	Completa-Anual
1990			X
1995	X	X	
1996		X	
1997		X	
1998	X	X	
1999	X	X	
2000	X	X	
2001	X	X	
2002		X	
2005		X	
2006	X		
2010		X	
2012	X		
2014		X	
2015		X	X
2017	X	X	
2018	X	X	
2019		X	
2020	X		

Fonte: Produzida pelo pesquisador.

No material distribuído aos leitores e ouvintes, algumas categorias aferidas pelo meteorologista: 1) tempo chuvoso, tempo seco ou tempo estável; 2) em caso de chuva quantos serão os milímetros que irão chover; 3) temperatura em graus; 4) trovoadas, observe aqui que esse fenômeno aparece independentemente do tempo chuvoso.

O acervo material de canções escritas atualmente conta com 45 títulos. Segundo o agricultor, a produção ocorreu principalmente nos últimos anos (2016/2017/2018/2019/2020). David esteve internado no hospital com problema no

coração em meados de 2017, aproveitou a internação para refletir, organizar e escrever canções que contam parte da vida dele e dos familiares, historietas de animais, homenagens a rádios da região, história do município, referências de honrarias para determinadas profissões, além de reescritas de canções famosas que estiveram com o agricultor ao longo de seus 69 anos.

Acrescento aqui também como o sujeito investigado salva guarda as canções, boa parte delas é mantida no rascunho original, de forma manuscrita. Enquanto outra parcela menor está conservada de forma digitada. A descrição aqui levantada pode ser acompanhada pelo seguinte quadro:

Tabela 2 - Nomes das canções, números e modo de conservação.

Nome da canção	Número	Modo de conservação
Eu sou o leva Jesus	01	Digitada
As mocinhas da colônia e 5 cidades	02	Manual + digitada
As mulheres da colônia e 5 cidades	03	-----
Cachorro Paco	04	Manual
Homenagem a rádio Aurora	05	Manual
Os mistérios do trânsito	06	Manual + digitada
A família e a fé	07	Manual
Calcinha da mulier	08	Manual
Canção em homenagem as enfermeiras	09	Manual
A istória do pai	10	Manual
Mocinha Aventureira	11	Manual
Você vai para o Mato Grosso	12	Manual
Homenagem a rádio Integração	13	Manual
Omenagem a nossa senhora do trabalho	14	Manual + digitada
Homenagem a rádio Liberal	15	Digitada
Casar na Terra do Mato Grosso	16	Manual

Nome da canção	Número	Modo de conservação
Colono do meu tempo	17	Manual + digitada
A família e a moça do fusquinha	18	Manual
Homenagem a história de Vista Alegre do Prata	19	Digitada + trecho manual
Istória de 4 Juõnzinho de barro	20	Manual
A mocinha do telefone	21	Manual
O telefone que toca toca	22	Manual
O canto polonês	23	Manual
El Vin bom misto	24	Manual
Taliani Bona Gente	25	Manual
Mama mia e a família	26	Manual
A vizita de nossa senhora	27	Digitada
A bezerinha	28	Digitada + trecho manual
História das quatro tiratcholas	29	Manual
Linda mocinha não corte suas unhas	30	Manual
A istória dos boraxeiros	31	Manual
Omenagem para as secretárias	32	Digitada
Pombinha Branca e Azul	33	Manual
Como aprendi a viver	34	Manual
A boa pinguinha	35	Manual
Donzela formosa	36	Manual + digitada
As mocinhas da cidade mista	37	Manual
Dentro desta cozinha	38	Digitada
Mensagem para as professoras	39	Digitada
As soberanas de Vista Alegre do Prata	40	Manual
Como viver casado	41	Manual + digitada

Nome da canção	Número	Modo de conservação
Em Vista Alegre piove cuaze mai	42	Manual
Voltando da sirogia	43	Manual
Rapucão e rapuquinha	44	Manual
Lá na minha terra natal	45	Manual

Fonte: Produzido pelo pesquisador.

Como mencionado acima as temáticas das canções compostas pelo agricultor são bastante variadas, entretanto, a maioria, apresenta sentimentos de saudade de tempos bons que já passaram, pessoas e animais falecidos e também desejos saudosos do passado que podem nunca ter acontecido. Bacellar (2016, p. 63), relembra o compromisso do pesquisador com os documentos:

Ao iniciar a pesquisa documental, já dissemos que é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador (BACELLAR, 2010, p. 63).

É necessário também levar em conta a grande proporção de materiais manuscritos produzidos pelo agricultor. Se levarmos por regra que, ao longo dos anos, houve anualmente duas previsões meteorológicas, por 56 anos consecutivos e mais 45 canções compostas e manuscritas, teríamos um total de 157 documentos históricos. Cerca de 74 documentos estão salvaguardados pelo agricultor, em pastas e gavetas de sua residência, ou seja, em seus arquivos pessoais. Ele autorizou-me para o escaneamento de seus escritos, que agora estão sendo analisados minuciosamente. Portanto questiono-me: qual é o interesse do agricultor em produzir e partilhar seus escritos? Quais as motivações podem ser apontadas através da materialidade dos documentos? O sujeito comum escrevente, do município gaúcho de Vista Alegre do Prata, tem quais pretensões ao produzir e sustentar manuscritos tão longevos? As respostas aos questionamentos serão tensionadas na continuidade da pesquisa.

Considerações finais

Como considerações para o desfecho deste trabalho, que ainda está em desenvolvimento, tenho a certeza de que outras informações poderiam ser ditas a respeito da produção de documentos da cultura escrita de meu avô, tento então encerrar brevemente com suposições que concluí até o momento.

No que diz respeito, ao saber cultural transmitido do avô para o neto David, parece-me que a memorização, essencial para quem não dominava leitura e escrita, foi substituída pelo registro escrito. Embora David também utilize da memória, substituiu o ato através da escrita, que pelas previsões meteorológicas e as canções compostas são suportes da materialidade de um saber familiar rural.

Já as motivações que movem as produções escritas de meu avô, alguns pontos ainda são inconclusivos, mas a escrita parece-me uma maneira saudosa de lembrar, de contar ou de reescrever momentos que não foram tão felizes, no caso das canções. As previsões meteorológicas representam uma forma de prevenir-se dos fenômenos climáticos, para o sujeito, família e sociedade que lê ou escuta suas anotações inventivas. Também podem representar uma significância social que o sujeito busca ao partilhar e distribuir as escritas não científicas.

Atualmente o agricultor segue nas produções dos escritos, o registro é uma maneira de escrever/contar a história de sujeitos marginalizados pela história da educação ao longo dos anos, que como sujeito comum, produtor de escritas ordinárias, está sendo contemplado pela nova historiografia da História da Educação e da História da Cultura Escrita brasileira.

Referências

- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 3, n. 1 [5], p. 93-124, jan./jul. 2003.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de; SOUZA, Maria José Francisco de; RESENDE, Patrícia Cappucio (org.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- GLOSSÁRIO CEALE. **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em:

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural:** a pesquisa em história da educação. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida:** os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y cultura escrita: notas sobre la interdisciplinariedad de su estudio y el papel de la historia. In: VIÑAO FRAGO, Antonio. **Leer y escribir:** historia de dos prácticas culturales. México: Fundación Voces y Vuelos, 1999.